

ESCRITO NAS ESTRELAS.

Esta é uma história que parece estória, de tão irreal, de tão surpreendente, de tão mágica!

Tudo começou quando decidi prestar o concurso para Fiscal de Tributos Federais (FTF), hoje Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil (AFRFB), que seria realizado em 1976.

Nessa oportunidade, eu era funcionária da Câmara Municipal de Santos, há onze anos, exercendo o cargo de Oficial Legislativo, posteriormente denominado Oficial de Administração, admitida por concurso em 1965, quando ainda estudante de Direito e solteira. Formei-me em 1966, casei-me em 1968 e, em 1973, nasceu o Cleiton, personagem principal desta história.

Eu precisava estudar muito para o concurso da Receita Federal, mesmo com o tempo exíguo, dividido entre o trabalho na Câmara, os afazeres de casa e os cuidados com o filho.

O Cleiton, porém, nem parecia que tinha menos de três anos. Ficava quietinho, ao meu redor, brincando com os seus carrinhos, sem me interromper, sem fazer qualquer ruído, enquanto eu lia apostilas e livros. E, assim, estudei com afinco, por longos meses, graças à sua colaboração.

A prova da primeira etapa do concurso foi realizada em São Paulo (capital). Para minha alegria, fui aprovada, obtendo boa classificação. A segunda etapa (também eliminatória) era o Curso de Formação a realizar-se no Rio de Janeiro, com duração de dois meses. E aí surgiu o problema: como ficar por esse período naquela cidade, com o Cleiton pequeno? Meu marido, por causa do trabalho (funcionário da Companhia Docas de Santos – CDS, hoje, Companhia Docas do Estado de São Paulo - CODESP), não me poderia acompanhar. E então, aconteceu o milagre: rezei tanto, que Deus me atendeu: minha mãe, senhora idosa que, sozinha, não saía de casa para nada, concordou em ir comigo para cuidar do neto.

E assim foi. Enquanto eu frequentava as aulas na ESAF (o dia inteiro), minha mãe ficava com o Cleiton. Quando eu chegava ao Hotel Guanabara, na Avenida Presidente Vargas, no final da tarde, mamãe contava o que eles haviam feito durante a minha ausência: diariamente saíam do hotel e caminhavam pelos arredores, detendo-se, quase sempre, numa avicultura, nas proximidades, para

que o menino se entretivesse com os pintinhos, as galinhas, os galos, os perus, os passarinhos e outros animaizinhos como coelho e *hamster*. Algumas vezes iam rezar na Igreja Nossa Senhora da Candelária, quase na esquina.

O Cleiton sempre foi muito comportado, calmo e obediente. Não dava trabalho. Era uma criança fora dos padrões não só no comportamento, mas em tudo, pois (pasmem!), aos quatro anos, por iniciativa própria, leu a coleção inteira (15 volumes) de “O Mundo da Criança”, da Editora Delta, que se encontrava na estante de casa.

Proezas infantis à parte, o sacrifício valeu: feito o exame, passei também na segunda etapa. Entrei em exercício e meu primeiro trabalho foi em Santos, no Setor de Exportação que, em 1978, funcionava no Armazém IV (externo) da CDS, ao lado do posto da CACEX, pertencente ao Banco do Brasil.

Apesar de o local ser mal conservado, sujo, cheio de insetos, o recinto era muito agradável: colegas de bom humor (os recém-chegados e os mais antigos), serviço dinâmico e interessante, amizade sincera entre todos, alegria geral. Sempre que havia algo a comemorar, fazia-se festa, após o expediente. Essas festas ficaram famosas (mas, isso é outra história).

O tempo passou. O Cleiton, com treze anos, já com a estatura próxima a que tem hoje, a meu pedido, comparecia a essas festas e filmava, porque filmar era uma de suas paixões, desde tenra idade. Tornou-se o “filmador oficial” das festividades, na Exportação. Ele amava aquele ambiente!

Apenas para ilustrar, reporto-me ao Natal de 1988, que foi inesquecível. Decidiu-se abrilhantar a festa com a presença de Papai Noel e o Cleiton, com quinze anos, foi escolhido pelos funcionários para essa caracterização.

Na hora aprazada, ao som de “Jingle Bells” no último volume do toca-disco, o Cleiton surgiu, na porta do armazém, caracterizado, batendo o sino e trazendo às costas um saco repleto de presentes.

Eu, por minha vez, a seguir, declamei a poesia “Papai Noel”, que aprendera na infância:

“Esta é uma história que a mamãe contava,
Sentada na cadeira de balanço,
Procurando à noite algum descanso,
Do trabalho que ao dia se esforçava.

Era uma noite alegre de Natal,
Noite em que nasceu Cristo imortal,
O Deus que se fez homem, bom Jesus,
E que homens maus o puseram numa cruz.

Papai Noel andava pelos telhados,
Com os seus bolsos de mimos recheados
E os deslizava pela chaminé
Aos garotos que nele tinham fé.

Como essa noite é cheia de alegria,
Notou que numa casa, todavia,
Estava triste toda gente,
Porque a dona da casa andava doente.

Um bilhetinho viu junto ao fogão
E como é um bom velhinho, mas curioso,
Foi puxando o papel com o seu bordão
E à luz da lua leu bem pesaroso:

Papai Noel, eu quero o meu presente,
Porém, este ano, eu quero um bem diferente:
O senhor poderia me arranjar
Um bom remédio para a mamãe sarar?

No seu avião depressa ele voou,
A Deus do céu por ela intercedeu,
A mãe do garotinho se curou
E muitos e muitos anos ainda ela viveu.

Papai Noel é um bem, uma esperança,
Uma ilusão amiga da criança,
Para os garotos vive de verdade
E para os outros vive na saudade.”

Foi uma emoção indescritível! Houve quem chegasse às lágrimas. Essa festa ficou na memória de todos.

Festividades à parte e falando do meu serviço propriamente dito, nessa época, permitia-se à fiscalização executar, em armazéns particulares, a conferência e o desembaraço de bagagens que saíssem do país. Assim, estando uma dessas bagagens de exportação depositada num armazém particular próximo à minha residência, fiz-me acompanhar do Cleiton, com quinze anos, para que assistisse ao meu serviço, tendo em vista a sua admiração pelo mesmo, só de me ouvir falar. Tratava-se do retorno da bagagem de um estrangeiro que viera temporariamente trabalhar no Brasil. O Cleiton, com toda atenção que lhe era peculiar, observava o meu cuidado em comparar a descrição dos bens constantes na lista de entrada (espécie, marca, modelo, número de série, especialmente dos elétricos e eletrônicos) com os que ali estavam, fisicamente, para embarcar. Ao

sairmos, expliquei-lhe que essa verificação minuciosa visava a impedir que bens trazidos temporariamente do exterior, como bagagem, permanecessem no país sem o devido recolhimento de tributos. Ficou encantado!

Provavelmente, a partir daí, decidi que faria o concurso para a Receita Federal, quando tivesse a idade e a escolaridade exigidas. Senão, vejamos: ao providenciar a matrícula para o Colegial, no Colégio do Carmo, decidi cursar o Básico de Exatas, no período da manhã, e o Técnico, à noite, pois neste havia matérias como Contabilidade e Estatística, que precisaria estudar para o concurso da Receita.

Enquanto cursava o 3º grau na Faculdade de Tecnologia da Baixada Santista (FATEC), para testar os seus conhecimentos, prestou o concurso para Assistente de Informática do Ministério Público Federal (Procuradoria Geral da República), tendo sido o primeiro colocado. Assumiu o cargo, nele permanecendo até que, ao ser aprovado e classificado em quarto lugar no concurso para Técnico do Tesouro Nacional (TTN), hoje Analista Tributário da Receita Federal, foi alocado na Alfândega de Santos, onde exerceu suas funções com eficiência e dedicação.

Quando, nesse período, surgiu o concurso para Auditor-Fiscal da Receita Federal, não havia vagas para a 8ª RF. Assim, o Cleiton prestou-o para a 9ª RF. Foi aprovado, mas não classificado, porque, como nessa ocasião o concurso tinha a classificação regional, a sua nota ficou abaixo da de corte, apesar de ser superior à nota de corte em outras regiões fiscais. Ele, todavia, não ficou desestimulado, não esmoreceu, apesar da aparente injustiça. Estudou cada vez mais e, quando surgiu o próximo, já com a classificação em âmbito nacional, tornou a inscrever-se para a 9ª RF, porque, novamente, não havia vagas para a 8ª RF. Concomitantemente, abriu o concurso para Fiscal da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo (ICMS) e ele também fez a inscrição. Aprovado em ambos, nas provas escritas (coincidentemente, as listas de aprovação foram publicadas no mesmo dia), aguardou a chamada para a segunda fase, constituída pelo Curso de Formação. A Receita Federal convocou primeiro e ele foi cumpri-la em Curitiba. Durante o treinamento, a Fazenda Estadual fez a convocação, mas sua escolha recaiu em permanecer na primeira.

Aprovado na segunda etapa, foi lotado na Alfândega de São Francisco do Sul (SC), onde trabalhou e residiu por longo tempo, até que conseguiu remoção de volta para a Alfândega de Santos. Após três anos, aproximadamente, do seu retorno, assumiu a chefia da Divisão de Gestão e Infraestrutura Aduaneira – DIGIN, onde ficou, até ser nomeado Inspetor-Chefe da Alfândega do Porto de Santos, em 06 de fevereiro de 2012, exatamente no dia em que completava 16 anos de trabalho na Receita Federal.

Na solenidade de sua posse, no auditório, muito orgulhosa e emocionada, pensei: aquela criança que, em tão tenra idade, na sua inocência, colaborara tanto para que eu pudesse estudar, conseguindo êxito no concurso, agora era o Inspetor-Chefe da Alfândega do Porto de Santos, a mais importante do Brasil, a mesma unidade em que sempre trabalhei.

Coisas do destino. Estava, mesmo, escrito nas estrelas.